ANO 11.º | Sexta-feira, 22 de Fevereiro de 1918 | Numero 512

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. Nacional, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

"O DEMOCRATA,,

Hoje como ha dez anos:

Viva a Republica!

Faz hoje precisamente uma dezena de anos que ao romper da manhã, por bom sinal banhada de sol, como a de hoje, o acariciador sol de fevereiro, surgiu nesta cidade o primeiro numero de *O Democrata*.

Nasceu ele da dedicação, do fervor, do entusiasmo com que um pequeno grupo de republicanos desta terra abraçava e defendia o seu ideal, acolhendo-o todo o distrito, onde havia elementos dispersos, tendencias assaz prometedoras, com inequivocas provas de satisfação, o que foi motivo de jubilo para os que se abalançaram a empreza tão dificil como arriscada nessa época de terror em que o país vivia.

Na primeira pagina, o retrato do fogoso tribuno popular Antonio José de Almeida, essa figura esbelta, insinuante, que a nação inteira respeitava e ainda hoje acolhe com viva simpatía, marcava como que o simbolo da nossa divisa. Ao lado, um artigo doutrinario de Albano Coutinho, o republicano mais velho, a esse tempo, do distrito, completava o programa.

Passaram-se os primeiros 365 dias e lançando sobre eles um golpe de vista retrospectivo iniciámos o segundo ano, escrevendo:

. . . .

Ao surgir para a luta em prol dos principios por que tem combatido e continuará combatendo, o *Democrata* traçou um programa que ha cumprido fielmente.

Modesto semanario provinciano e aparecendo em um meio onde a submissão aos potentados politicos é um dogma, foi recebido á ponta de espada pelo caciquismo do distrito. Caíram sobre ele a troça e motejos dos *barrigas* locaes. E' que tanto aquele como estes bem sabiam que não poderiam contar com os seus aplausos, antes o presentiam como inimigo jurado de todas as imoralidades, de todas as subserviencias e de todas as infamias de que eles eram e são causa. Nem o rancor do caciquismo o atemorisou, nem as gargalhadas alvares dos *barrigas* o encomodaram.

O *Democrata* seguiu e seguirá o seu caminho.

Sentinela a mais que apareceu no campo do combate, veio defender os direitos do povo, desse povo que tem sido vitima de todos os ludibrios dos homens da monarquia.

E o Povo tem sido defendido aqui com calor, entusiasmo e sinceridade.

Sômos pela *canalha* contra todos os privilegios!

Para nós só é digno de apreço e tem verdadeiro valor—o talento, o caracter e aquele que trabalha e produz.

Dentro da *Democracia* é esta a unica *aristocracia* admissivel.

. . . .

Que será preciso acrescentar hoje a estas palavras? Fieis cumpridores do programa que nos imposémos seguir impávidamente, ainda atravez das mais extraordinarias contrariedades — e ninguem dirá que as não temos tido — não nos acúsa a consciencia de jámais o termos traído e ela, só ela, é o unico juiz das nossas acções.

. . . .

Vão passados dez anos. Ha sete que a Republica é um facto em Portugal e contudo a nossa missão contínúa. Porquê? Temo lo explicado muitas vezes: porque o regimen precisa de todas as energias para que se consolide e não só isso mas ainda de quem o expurgue dos elementos perniciosos de que está rodeado e são a causa das constantes crises que dia a dia o veem enfraquecendo.

Bem quizeramos nós dar por findos os nossos trabalhos, terminar a tarefa, a canceira, a obra a que nos dedicámos de alma e coração. Impossivel, porém. Como a um ente que se ama, como a uma flôr que se cultiva e cérca de cuidados, nós não podemos abandonar a Republica por mais agrávos que tenhâmos e ainda nos possam vir do lado daqueles que a conceberam tão sómente como meio de, á sombra dela, se governarem.

E' que a amâm s muito. E quando o sentimento do amôr se eleva, percorre todos os reconditos do coração e se transforma numa força poderosa, indestrutivel, capaz de afrontar os maiores perigos com tanto que, no fim, se tenha a consolação do dever cumprido, nada existe no mundo que lhe detenha a marcha ou o subjugue, ou o faça baquear antes de perecer.

Estâmos, por conseguinte, dez anos volvidos, no mesmo posto de honra, a defender a mesma doutrina, a pugnar pelos mesmos principios. Chega a ser consolador olhar o passado sem um arrependimento, sem a mais leve contracção de espirito! Inimigos? Quem os não tem? Quem os não cria ao empunhar uma penna flageladora dos erros duns, dos vicios de outros, das infamias, das imoralidades, porventura dos crimes de tantos? Temolos tambem. Alguns de polpa. Não nos fazem, todavía, arripiar caminho nem hão-de ser eles ou os que tudo conspurcam e tudo pervente n que facilmente nos desaloja, do desta barricada, do alto da qual, hoje como ha dez anos, com a mesma bandeira hasteada, se exclama com fé, com ardor, com paixão:

Viva a Republica!

DR. COUCEIRO DA COSTA

A *Montanha*, fazendo-se ha dias éco, na secção telegrafica da capital, do boato que distribuia a pasta da justiça, na proxima recomposição ministerial, ao nosso ilustre conterraneo e amigo, acompanhava-o da seguinte *nota da redacção*:

A confirmar-se a noticia, *A Montanha* só tem razão para louvar a escolha do sr. dr. Couceiro da Costa, não só por se tratar de um juiz inteligente, sabedor e austero, como tambem pela autoridade de caracter e elevação da sua figura moral, tanto que o tornam respeitado e querido dos que conhecem e servem com o ilustre magistrado.

Por nossa banda acrescentarémos: e é dos que teem mais direito a sobraçar uma pasta de ministro da Republica, tão assinalados são os serviços que lhe ha prestado desde os aureos, os saudosos tempos da propaganda.

Será assim?

Transmitem de Lisboa á imprensa do Porto:

Uma pessoa que visitou, no desempenho duma missão particular, o snr. dr. Afonso Costa, afirmou que o chefe do partido democratico, instalado com todo o conforto que é possivel ter numa prisão, gosa de optima saude fisica e não parece moralmente abatido. O sr. dr. Afonso Costa, a dar crédito ás declarações da pessoa que o visitou, e que de todo o ponto merece acreditar-se, mostra-se disposto a abandonar, se não de todo, por largo tempo, a vida politica e a não regressar talvez a ela. Prefere jazer num fosso do forte da Graça a voltar para Lisboa. Dos homisiados politicos, diz, segundo consta, que lhes não inveja a liberdade, entendendo mais digna de apreço e mais consoladora a sua situação do que a dos snrs. Norton e Leote. Acrescenta-se que os juizos do snr. dr. Afonso Costa sobre a orientação politica do sr. dr. Bernardino Machado e a atitude deste, não sei se nas ultimas semanas, se nos ultimos dias ou nas ultimas horas que precederam a sua deposição, são pouco benevolos e corre tambem que tão alheio se quer conservar a quaesquer pugnas, por acaso iminentes, que se recusou a receber certa carta de consulta enviada por um marechal do partido democratico.

Será assim?

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

Films...

Epidemia

No Porto, dizem os jornaes de lá recebidos, continua a grassar com a maior intensidade a epidemia do tifo exantematico, encontrando-se os hospitaes cheios de atacados e sendo já avultado o numero dos que por esse facto perderam a vida. Recomenda toda a imprensa que é necessario praticar a mais completa higiéne tanto no corpo, como no vestuario, como na habitação e sobretudo, acrescenta, ninguem deve descurar a limpêsa da cabeça, exterminando os *piôlhos*, como optimo meio de impedir a propagação do terrivel mal.

Pobres bichinhos, que agora é que vão saber quanto vale, a sério, uma pitada só de pós Joannes!...

No seu papel

Os jornaes republicanos aqui ha tempo vieram muito indignados porque a comissão administrativa do municipio de Viana do Castélo havia deliberado, parece que na sua primeira sessão, apagar o nome prestigioso do almirante Candido dos Reis, duma das ruas daquela cidade, substituindo-o pelo de Afonso Espregueira, o ministro da fazenda que, *por coisas*, maior nomeada têve nos ultimos anos da monarquia. E gritaram, e barafustaram com tanta gana que levaram o sr. Ministro do Interior a ordenar ao seu delegado que procedesse energicamente, metendo, inclusivamente, na cadeia os autores da infamia.

Claro que não foi preciso nada disso para fazer arripiar caminho a eles todos porque logo encolheram as garras. São assim os monarquicos. Foram-no sempre. Mas lá que estão no seu papel fazendo destas e doutras—deixemnos continuar a ser francos—estão.

Quem quer não lhes tivesse conferido funções dentro do Estado republicano, dando-lhe o que jámais conquistariam se a Republica fôsse o que devia ser.

Bôlo-Pachá

O tribunal militar condenou um dia destes á pena ultima uma das maiores personalidades da França, acusada de traição á Patria, e a quem não valeram nenhuma das suas antigas relações pergunte... era um criminoso.

Se fôsse cá... Ora se fôsse cá tudo se arranjava, tudo se conseguiria com outros resultados.

Haja vista o que uma vez sucedeu a certo jornalista quando acusou, provando, de mercadejar isenções do serviço, servindo-se da sua qualidade de medico agaloado, um personagem que, além disso, se dizia *homem politico, politico republicano e republicano democratico*.

Pouco faltou para o mandarem enforcar.

Gritos estridentes

Na fórma do costume, os jornaes, que estão habituados a vêr constantemente no galerio o partido democratico, começaram a encher as suas colunas de repetidos *álertas* para que *todos* os republicanos se unam e ponham côbro ao perigo monarquico, pois o consideram, desde o triunfo da ultima revolução, pelo menos tão iminente como a queda do *Bébes* em dias de maior esquentação cerebral...

Mas que culpa temos nós disso, não nos dirão?

Se nos fartámos de avisar os dirigentes desse parti o quando, verdadeiramente alucinados, cometiam toda a casta de atropelos; se da nossa parte responsabilidade alguma existe ligada ao descredito em que caíu pelos multiplos erros assinalados durante a sua interferencia nos negocios publicos, segue-se que não é só aos que pugnam pela purêsa dos principios que compete estar álerta e cumpre, nesta altura, velar pela Republica. Ha outros que teem essa obrigação, como, por exemplo, os que fizeram dela um logradouro.

Sim. Porque nestas coisas é preciso acentuar: *quem lhe come a carne que lhe rôa o osso*.

Em calças pardas

Dizem de Lisboa para a imprensa do norte:

Uma numerosa comissão de bombeiros voluntarios percorreu as redacções afim de protestar contra certas palavras do sr. dr. Brito Camacho, proferidas na conferencia de Braga e reputadas por eles ofensivas da sua dignidade e dos seus creditos. Os bombeiros voluntarios são cento e tantos e esperam que o chefe unionista lhes dê uma explicação cabal. Se e não fizer estão dispostos a ter cada um deles o seu conflicto com o conferente de Braga, onde o encontrarem. Assim o declararam abertamente.

Só resta saber o instrumento de que lançarão mão para o ataque. Naturalmente a agulhêta...

INFANTERIA 24

Faz hoje um ano que partiu desta cidade com destino aos campos de batalha, em França, o regimento de infanteria n.º 24.

Parece-nos que ouvimos ainda os acordes da marcha á cadencia da qual, em longa fila, serenos e eréctos, seguiam os nossos soldados, numa atmosfera silenciosa e pezada, perturbada apenas por algum lamento, por algum soluço, que na agudeza elevada da dôr, não cabia no peito duma mãe, duma esposa, duma filha, duma noiva, pairando-lhes sobre a cabeça a formidavel e ignota interrogação do destino!

E como se submete ainda a humanidade a todas estas torturas na defêsa de preconceitos e privilegios duma casta que, afinal, a mesma humanidade toléra, mantem e defende, sacrificando a propria vida, nos horrores de uma morte pavorosa?

Quando soará no mundo, entre os homens, a verdadeira e segura hora da paz, do progresso e da luz?

Quando?

"Plaquette,,

Recebemos um exemplar da que foi publicada em homenagem ao sr. Visconde de Moraes pelo nosso colêga do *Desforço*, de Fafe, Artur Pinto Basto, a qual, além do retrato do benemerito cidadão, encerra um artigo exaltando as suas virtudes, como merece, quem tanto se tem salientado pelo seu acrisolado amôr patriotico longe da terra que lhe foi berço.

A MONARQUIA

—=(*)=—

A proposito do infundado receio, se não mais, da absoluta impossibilidade duma restauração monarquica que tantas vezes aqui temos afirmado ser inexequivel a dentro do nosso país, encontrâmos as seguintes e justificadissimas considerações num importante jornal, que não péca por avançado—*O Primeiro de Janeiro*—as quais nos apressâmos a trasladar como muito opo tunas e criteriosas:

Não falta quem extranhe que no manifesto pelos monarquicos lançado ao país não estejam incluidas as assinaturas de varios marechaes, tais como os snrs. Antonio Candido, Pereira de Miranda, Wenceslau de Lima, Moreira Junior, Artur Montenegro, Campos Henriques, Anselmo de Andrade, Manuel Fratel, Sebastião Teles e poucos mais porque, do antigo estado maior monarquico, infelizmente, já poucos mais restam. A morte temse encarregado de levar todos esses homens que no antigo regimen atingiram, as mais das vezes, por direito de conquista, as culminancias do poder.

Pensa-se que a falta dessas assinaturas significa, não o abandono das suas convicções partidarias, mas a crença em que todos esses homens, de tanta evidencia e hoje tão recolhidos, estão de que será talvez impossivel o restabelecimento monarquico em Portugal.

A primeira necessidade dos monarquicos para que a monarquia pudesse voltar, seria a existencia de um rei que reunisse, além doutras, as condições de interesse pelo país, de independencia de espirito e de bravura pessoal, que são indispensaveis aos reis de hoje.

Ora, a verdade é que o sr. D. Manuel, por grandes e primorosas que sejam as suas qualidades pessoaes, não representa o valor, a sagacidade, a maleabilidade e até a coragem indispensaveis para ser rei num país como o nosso. Habituado como está á despreocupação e á comodidade de não ser rei, não falta quem julgue, e talvez com razão, que o sr. D. Manuel prefere o socego de hoje aos encargos do trono. Pelo menos, nenhum facto palpavel, inconfundivel, tem vindo do antigo rei de Portugal, que nos possa levar ao convencimento de que ele ainda muito pensa no seu país. E, por mais que se procure, não se vê, no momento actual, qualquer outro que possa ser rei. O sucessor de D. Miguel, soberano de Portugal nos tempos de hoje, seria um desafio aos principios liberaes do país.

Mas, além da dificuldade do rei, outras surgem para o restabelecimento monarquico, a não ser que da guerra actual resultasse—o que bem pouco provavel se nos afigura—uma força tão conservadora que as republicas tivessem prejudicada a sua existencia. Assim, não falta quem atribua a ausencia dos antigos marechaes monarquicos do manifesto publicado ao facto de julgarem sem viabilidade uma restauração e não quererem assumir a responsabilidade perante o país de estorvar que antigos correligionarios retardem ou inutilisem a sua acção, com enganadora esperança, no engrandecimento do país, o qual apenas póde prosperar com a união dos portuguêses num só desejo: o da ordem e o do trabalho. Julga-se, pois, que o manifesto aliás assinado por homens de talento e combate, representa mais o sentir duma facção do que o dum partido: a facção pelejante daqueles cujo ardor os anos não esmorecem, e ainda o ardor daqueles cuja juventude os faz vibrar de esperança...

TRANSCRIÇÃO

Foi também reproduzido pelo nosso coléga *Correio da Feira*, semanario republicano evolucionista, o editorial do penultimo numero do *Democrata*, intitulado — *Não faz sentido.*

Agradecemos.

Lucros da guerra

—(*)—

Extraordinario desenvolvimento económico dos Estados Unidos, Canadá, Japão, etc.

Ao entrar na guerra, Portugal não estava, evidentemente, preparado para ela; mas entrou, por um dever moral, dada a sua aliança, e por interesse proprio, para garantir a sua independencia. Não teremos de que nos arrepender.

Mas, se não estávamos preparados para a guerra, temos tido tempo para nos prepararmos para a paz.

Se quando nos puzemos contra a Alemanha as nossas condições financeiras fossem bôas, só teriamos razão para regosijo porque o comercio e a industria progrediriam rapidamente, como acontece com outros países; no entanto, alguma coisa se faz já, podendo dizer-se que a nossa actividade se expande. A creação do Ministerio do Comercio, a nomeação de agentes comerciaes em vários países, a montagem de estabelecimentos comerciaes e financeiros nas primeiras praças estrangeiras, e ainda os trabalhos da repartição dos negocios comerciaes do Ministerio dos Estrangeiros, além dos serviços que presta a Academia do Comercio de Exportação, tudo representa sensivel mudança de processos no sentido de uma maior expansão económica.

Extraordinario desenvolvimento da America

Um dos países que mais se desenvolveu foi a America do Norte. De mez para mez, de dia para dia, as suas transacções aumentam fabulosamente.

A sua importação foi, em 1904, de 5:138 milhões de francos e a exportação de 7:358; em 1906, importação 6:351, exportação 9:034; em 1908, importação 6:185, exportação 9:640; em 1910, importação 8:065, exportação 9:030; em 1912, importação 8:562, exportação 11:417; em 1913, importação 9:391, exportação 12:774; em 1914, importação 5:671, exportação 14:336; em 1916, import. 11:386, exportação 22:445; em 1917, importação 13:774, export. 32:598.

Vê se que, de 5:133 milhões de francos em 1904, subiram as importações em 1917 a mais 6:641 milhões, ou seja um aumento de 168 lib.! Quanto ás exportações, de 7:568 milhões passaram a 32 biliões e 598 milhões, ou seja um aumento de 330 lib.! Por outro lado, de 1913 a 1917 as vendas ao estrangeiro progrediram 30 biliões, ou seja 154 lib. Comparando as importações com as exportações, verifica-se que as vendas foram superiores ás despezas em 13 biliões e 634 milhões!

Como os países seus clientes não teem podido pagar com os seus produtos, calcula-se qual a quantidade de dinheiro em ouro que deve ter tomado o caminho dos Estados Unidos nos ultimos anos!

O Canadá, celeiro do mundo

O continuo aumento da população do globo creou uma procura cada vez maior de trigo, é como o produto deste não aumentava na mesma proporção, alarmaram se os economistas. Felizmente, a cultura de trigo nos ultimos anos desenvolveu-se duma maneira fenomenal no Canadá, permitindo arredar todas as preocupações quanto ao perigo de vir a faltar aquele cereal.

Daqui a alguns anos o Canadá terá 6 milhões de acres (o acre vale 411, 2 ares) e como a produção média do acre é de 18,98 bushels (o bushel vale 35,2 litros), aquele país chegará a lançar no mercado uma quantidade de trigo que é a metade do consumo mundial.

A exportação comercial do Japão

Em 1916, o Japão importou 756 milhões de yens e exportou 1:127 milhões, ou seja um excesso de exportação de 371 milhões. Em 1914 as importações excederam as exportações. De devedor, o Japão passou a credor em dois anos apenas!

O recente emprestimo inglez, de 350 milhões de francos, foi coberto em poucos dias, o que prova a abundancia de dinheiro disponivel no Japão. A *Entente* tem lá depositadas em *bons*, obrigações do tesouro, 1:285 milhões de francos, o que não impede o Japão de pagar e até reduzir os seus compromissos.

Em dois anos o Japão construiu 132 barcos mercantes. O total da sua marinha é hoje de 2.253:000 toneladas e passará de tres milhões em 1918.

Além desses países, outros, como o Brazil e a Espanha, teem progredido com a guerra.

Pensemos nós, ao menos, depois da guerra, colher os frutos do nosso sacrificio, concorrendo para a independencia e segurança do país.

N. G.

Entrudo e cinzas

Por lapso deixámos de noticiar no numero da preterita semana, que o carnaval deste ano foi, em Aveiro, ainda mais insipido do que o dos anos anteriores, limitando-se os divertimentos aos *batuques* do teatro, a algumas reuniões dançantes em casas particulares e ás *soirées* do *Club Mario Duarte* nas noites de sabado e segunda-feira, estas promovidas por um grupo de socios de que faziam parte os srs. José Gustavo de Souza, Alfredo Barjona de Freitas e Antonio Calheiros.

Em compensação, a cidade animou-se extraordinariamente logo ás primeiras horas do dia de quarta-feira, cruzando-se por todas as ruas os forasteiros atraídos pela procissão da cinza e que aqui se conservaram até quasi á noite, imprimindo-lhe desusado movimento como—sômos obrigados a constatar—raras vezes se vê intra-muros nossos.

As mulheres dos figos fizeram alto negocio, não lhes ficando, talvez, atraz, as hospedarias e casas de pasto onde foram afogados.

O TIFO

—=(*)=—

Ha dias foi sobresaltada a cidade com a noticia de que tinha dado entrada no hospital um tifoso, vindo de Agueda, onde chegára do Porto.

A noticia, verdadeiramente aterradora, alarmou toda a gente, obrigando-nos a procurar informes que prontamente nos foram dados com a certeza de que não ha razão para para sustos, O doente que, de facto, viéra de Agueda, numas condições especiaes, dignas, sem duvida, de reparo, não sofre, garantiram-nos, de qualquer molestia suspeita.

Contudo o mal cresce e espalha-se, havendo casos em Estarreja, Ovar e outros pontos ao norte do Porto. Em Espinho não declina e no Porto é espantoso o agravamento da epidemia.

Em Coimbra, Lisboa e outras terras as autoridades sanitarias e administrativas estudam a maneira de se precaverem e combater o mal no caso duma possivel invasão visto que só para Abril é provavel a sua extinção completa.

E o que fazemos nós? O que se pensa aqui—com a feira de Março á porta, que tanta gente chama, incluindo negociantes do Porto?

Já se pensou nisso?

O "Desertas,,

Principiaram de novo os trabalhos para o salvamento deste barco, ha mais dum ano encalhado na praia da Costa Nova do Prado.

Esse esforço é mantido agora por ordem do governo, que em boa verdade, nutre, como todos, os desejos de pôr a nado a explendida embarcação, que faz pena vêr inutilisar-se, especialmente nesta época de verdadeira crise de transportes maritimos.

Tem já chegado diverso material, sendo avultado o numero de operarios que trabalham enquanto não chega a draga *Mondego*, afim de auxiliar os serviços conforme os determinam os engenheiros.

Julgamento

Acha-se marcado para o dia 27, quarta-feira proxima, o do sr. João Luiz de Rezende, director, que foi, do extinto semanario de Albergaria-a-Velha, *Democracia do Vouga*, e a quem a justiça exige contas por ter desfechado o seu revolver contra um individuo da freguezia da Branca, matando-o.

João Luiz de Rezende fôra antes de cometer o delito provocado, injuriado e agredido á porta da sua propria habitação, tendo-o ainda a vitima, segundo dizem, ameaçado caso voltasse a encontra-lo onde lhe podesse ser bom. E tudo isto devido a uma correspondencia publicada no jornal, inteiramente desprovida de quaesquer termos menos respeitosos para os atingidos, pelo que se supõe, e com fundamentada razão, que o morto foi mais um instrumento dos odios alimentados pelos elementos anti-democraticos da localidade em desfavor do periodico, que os discutia e lançava constantes anátemas sobre a reacção clerical, do que outra coisa.

A causa é possivel que leve mais dum dia a discutir, devendo nela tomar parte, como patrono do acusado, o ex-ministro sr. dr. Antonio Macieira que, em nome do seu constituinte, requereu juri mixto.

Desta cidade irá, para manter a ordem no tribunal e por ventura nas ruas de Albergaria, caso ela seja alterada, uma força de infanteria 24, sob o comando dum alferes.

Subsistencias

Regressou de Lisboa o vogal da Comissão de Subsistencias, sr. Henrique Rato, sem conseguir uma resolução definitiva sobre a missão de que fôra encarregado: a compra do milho.

Sendo certo que espera ainda por a ultima resposta ácerca do assunto, não possue, todavia, a menor esperança de que algum proveito tenha conseguido da sua viagem.

Quiz comprar 5 ou 6 vagons de milho, ainda que avariado algum, por metade do preço atual, mas esse desejo não foi possivel realisa-lo e, assim, após dias prolongados de demora, resolveu retirar, sem absolutamente nada ter alcançado.

O que é certo é comprar-se já a tres escudos os 15 litros de milho, o que significa *apenas* uma nova situação—de todas a peor—a falta do principal alimento popular.

Não sendo já suficiente a constante elevação dos preços da carne, do peixe, de que continúa a consentir-se a exportação, resultando vender-se o chicharro a 3 centavos cada e a sardinha a 1, assim como de ovos, de galinhas, de feijão, de tudo, enfim, nós perguntâmos o que faz ou o que espera a autoridade de quem não vemos partir a mais pequena iniciativa tendente a evitar, a pôr côbro ao que se está passando.

Ha providencias de tão facil execução e reconhecido beneficio que, francamente, surpreende não terem ha muito sido adoptadas, já pela sua imperiosa necessidade, já para cumprimento das promessas e compromissos tomados pelo snr. Governador Civil, quando, na ocasião do acto da sua posse, proferiu as palavras que aqui foram devidamente registadas.

* * *

Prevenimos o publico que, até ao dia 21 de abril, inclusivé, o preço do pão, em todas as padarias, é de 37 centávos o quilo, devendo ter cada um o pezo de 54 gramas.

Consta-nos, contudo, que por algumas partes se vende o pão a 40 centávos, de farinha diferente daquela que foi fornecida e ainda não tendo o pezo legal.

Qualquer reclamação neste sentido póde e deve ser apresentada á Comissão de Subsistencias, para os devidos efeitos e providencias.

* * *

Não compreendemos como o vendedor de pão não conduz a balança respectiva, afim de o pezar á vista dos freguezes que tal exijam.

Assim como se está procedendo é impossivel o comprador fiscalisar ou, pelo menos, saber quantos pães correspondem, por exemplo, ao meio quilo que pretende!

A quem pedir um remedio para esta deficiencia, que é gráve e profundamente prejudicial ao consumidor, tantas vezes vitima dos menos escrupulosos?

* * *

Lembrâmos mais uma vez ás autoridades respectivas que alguns estabelecimentos continuam a manter as balanças viciadas.

Ha-os que, na prespectiva de uma fiscalisação imprevista, tiraram o chumbo de debaixo dos pratos e substituiram-no por uma argola de ferro, que é enfiada num dos braços que os cingem.

O publico, porem, conhece facilmente as balanças viciadas: são aquelas que conservam num dos lados um pezo qualquer, que só é tirado quando é posto aquele a que corresponde a porção da mercadoria pedida.

E' preciso tomar testemunhas e comunicar á autoridade esta nova ladroeira praticada por quantos, por todas as fórmas, estão deshumanamente explorando a mizeria publica.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Moura.*

Leitura quaresmal

A FONTE

Uma hora depois do meio dia de 14 de Abril de 1718, a garrida do convento de Tarouca tangia inesperadamente a capitulo. A fonte de sereias que o Dom Abade mandára construir no jardim da claustra grande, devia inaugurar-se nessa tarde. Mas, desde manhã, tinha-se levantado naquela casa de Deus e de S. Bernardo, por causa da fonte, tamanho escandalo e alvoroço de murmurações, que o prelado, homem prudente e douto, julgára de bom conselho ouvir as queixas dos padres, e dar-lhes a satisfação que julgasse conforme com o zêlo da observancia e com a autoridade do báculo pastoral. Já toda a comunidade estava na sala do capitulo, com o vigario e as jerarquias, quando o Abade entrou. A questão foi logo posta, de ambos os lados, com clareza e com desassombro. O velho Frei Jeronimo de Brito, um dos discretos do convento, duas vezes eleito abade trienal, falou em nome dos padres. Alegou que a fonte da crasta, cuja inauguração ia fazer-se, continha tres figuras de pedra, não sabia se driadas, mánades, dyonisides ou sereias (espreitara-as pelas frinchas do tapume um donato do convento), que, sobre serem divindades pagãs, improprias de tão santa e reformada casa, apareciam no estado de abominavel nudez, mostrando os ventres e jorrando agua da apojadura dos peitos, com escandalo e ofensa dos padres velhos, e o que era peor, com turbação e pecado dos moços. Não sabia se a comunidade era de egual aviso; ele, pelo respeito devido á sua idade provecta e á dignidade do seu habito, fazia voto solêne de não voltar ao jardim e de nem sequer assomar aos janêlos da claustra, sem que os mesmos alvaneis, que tinham levantado a fonte, a não demolissem para maior gloria de Deus. Das bancadas capitulares ergueu se um murmurio de aprovação. Estava decidido. Nunca mais um só fráde passearia entre as murteiras do jardim enquanto aquelas figuras de abominação pojassem ao sol os seus uberes de pedra. Um donato tinha acabado de espertar o lume da brazeira de cobre, quando o Dom Abade se levantou para falar. Quantas igrejas, abadias e mosteiros da terra estavam cheios do espirito e de gloria pagã! Para obedecer ás doutrinas dos padres, teria de principiar por lançar ao fogo o seu bem amado Horacio. Tantos seculos andados, quem se lembrára ainda de arrazar a ábside da Sé de Braga, só porque as aguas da chuva lhes escorrem duma gárgula obscena? E a torre da Colegiada de Guimarães, com o seu brutesco? E, nos mais ásperos recessos de Portugal, porque não teriam abatido as lurias e os morrões dos alvaneis os modilhões pagãos da igreja de Castanheira e o anjo bacchico da matriz de Moncorvo? Não. Não era doutrinas de intolerante e sombria piecomdade que servia melhor a Deus, nem 40 anos que vivem debaixo daquela mortalha de S. Bernardo aceitavam, de quem quer que fôsse, lições de compostura e de moderação. A construcção da fonte que tanto alvoroçava os padres, concertava-a ele, havia quinze mezes, na sua jornada á côrte, com um mestre italiano que lhe fôra recomendado em Alcobaça pelo reverendo Abade Geral. Era a indispensa el coroação do jardim de murtas e buxo, que o seu antecessor mandára cortar á francêsa, na claustra grande, para recreio da comunidade. Escandalisara-se a modestia dos padres porque tres capréades núas jorravam agua dos peitos. Mas que figuras queriam Suas Reverencias, no seu casto zêlo apostolico, que se erguessem sobre a concha de pedra duma fonte? Os evangelistas, os patriarcas, os velhos do Apocalypses, um retábulo do Juizo Final? Não, decerto. Não era nos jardins que se professava o culto divino e nunca ninguem pensára, nem o mais humilde fradinho capucho, em erguer uma capéla dentro dum caramanchão. Sabiam Suas Reverencias quem tinha encomendado a João de Bolonha a célebre fonte das sereias? O Santo Padre Pio IV e o eminentissimo cardeal Pietro Cesi. Se a imagem dum seio de mulher fôsse um simbolo pagão e abominavel, como teria o proprio Patriarca S. Bernardo entrevisto na sua mistica visão, os peitos brancos da Virgem a aspergi-lo de leite,—e como poderia pinta-los o divino Bartolomé Morilo, sem estremecerem de santa indignação os capitulos de todos os mosteiros e os bispos de todas as catedraes? Não. Ele, Abade, tranquilo com Deus e com a sua alma, intendia que não eram justas as queixas da comunidade, e pedia a todos os religiosos, e em particular aos padres discretos, que reconsiderassem no seu proposito e o deixassem acabar o trienio da jurisdição sem demandas nem agravos. Mas as palavras do prelado não conseguiram abalar os capitulares. O mais velho de todos, Frei Baltazar dos Anjos, cujo habito, na penumbra, parecia dourado do mesmo mugre secular da pedra, avançou, tropego, amparado a dois padres moços, e declarou ao Abade, em nome de todo o convento, que não podendo ser-lhes imposto como castigo o recreio no jardim da crasta, nenhum fráde lá voltaria—nem um só!—se o prelado insistisse em mandar descobrir as figuras diabolicas da fonte. Levantou-se o capitulo. O desafio estava lançado. Para o Abade, submeter-se, era abdicar da sua autoridade e da sua força. Subiu á céla, mandou por um leigo ordem aos alvaneis,—e nessa mesma tarde o tapume era abatido, a fonte inaugurada, e, no silencio das murteiras em flôr, tres maravilhosas figuras de sereias, capréades voluptuosas duma ondulação e duma graça florentina, sorrindo e oferecendo os seios nas mãos delicadas, jorraram dos mamilos de pedra seis veios de agua fresca, luminosa e [illegible]. O Abade, que assistia da janela, ficou um instante imovel, a olhar a palpitação de vida que a luz rosada da tarde emprestava á nudez desses tres corpos de mulher,—e recolheu-se num deslumbramento, quasi numa vertigem, abraçado ao breviario. Pela primeira vez, a sua consciencia vacilou. Teriam razão os padres? Traria ele para o convento, pastor indigno daquele rebanho, a serpente da Tentação? Fechou as portadas da janéla, para não vêr mais a fonte; desceu ao refeitorio; voltou; tirou do armarête o seu candieiro de tres bicos; acendeu-o; procurou trabalhar, depois de vesperas cantadas, nos seus comentarios aos *Polifili* de Fra Francesco Colonna; deitou-se; passou pelo somno,—e acordando, pela força do habito, á hora de matinas, admirou-se de não ter vindo o fráde, como de costume, chama-lo com a candeia. Que se teria passado no convento? Abriu de manso a porta, espreitou para o corredor, escutou. A principio percebeu apenas, na escuridão, um rumôr de passos. Em seguida, uma céla entreabriu-se e um vulto furtivo de fráde escoou-se na sombra. Depois, outro. E outro. E mais outro ainda. Não íam decerto para o côro, porque não levavam a candeia acêsa. Inquieto, o Abade fôi bater á porta do vigario: ninguem lhe respondeu. Procurou o mestre dos noviços: a céla estava deserta. De repente, fez-se a luz no seu espirito. Compoz o manto, desceu á claûstra. No jardim, em volta da fonte execrada, toda a comunidade, todos os padres integrantes, velhos e moços, atraídos, um a um, pelo irresistivel poder da belêsa eterna e da volúpia imortal, olhavam imoveis, em estase, em adoração, os corpos virginaes das sereias, que ondulavam, brancos, ao luar.

Julio Dantas

Exposição de fotografias

Encerrou-se ha dias no Palacio de Cristal do Porto este interessante certamen de arte, a que concorreram muitos amadores e profissionaes, expondo para cima de 300 quadros.

Entre os amadores ocupou honroso lugar o nosso amigo e colaborador sr. Humberto Beça, que concorreu com 16 quadros, alguns dos quais lindissimos.

Especialmente os intitulados: *Padre Nosso—No Espelho do Leça—Nas margens do Antuã—Colorido a pastel—Ponte Rustica—Os Moinhos do Abade—Ponte da Travagem* e outros, foram apreciadissimos pela numerosa concorrencia á exposição, não só pela belêsa dos assuntos habilmente escolhidos, mas pelo seu perfeito acabamento, perfeição de execução e bela distribuição de luz.

A Humberto Beça foi concedido o diploma de 2.ª classe pelos seus magnificos trabalhos, tanto em ampliações como em produções directas, em brometos, sépias e coloridos.

Felicitâmo-lo.

Não se esqueçam: os licôres da *Casa Costas*, da Quinta Nova, Oliveira do Bairro, saborosos como são, devem ter preferencia. Sobre tudo o **Licôr Patria**, unico que foi usado para a socêga pelas tropas acampadas no Parque Eduardo VII na madrugada de 8 de dezembro.

Notas mundanas

Depois de ter passado algumas semanas em companhia de sua familia voltou, de novo ao seu logar na frente francêsa, o sr. dr. Francisco Soares, clinico municipal de Cacia e atualmente oficial medico miliciano.

Tambem retirou para a Ericeira após uma longa temporada na sua casa do Paço, o sr. Manuel Dias dos Santos.

Guarda o leito com um ataque de influenza, o sr. Antonio Constantino de Brito.

Fez ante-ontem 5 anos, o Humbertinho, filho primogenito do nosso amigo Tavares Pinto, atualmente em França no serviço dos correios.

Um ridente futuro lhe desejâmos.

No domingo passa tambem o aniversário do sr. José Antonio da Silva Pereira, entiado do esclarecido clinico da Costa de Valádo, sr. dr. Abilio Marques.

Visitou nos ontem na sua passagem para Valença do Minho, onde possue uma importante ourivesaria, o sr. Manuel Dias dos Santos.

Agradecemos-lhe a deferencia.

Vindo da capital, chegou á Quinta do Gato, onde conta demorar-se algum tempo, o sr. Manuel Simões Maia.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

SERTORIO AFONSO

Passou ontem o aniversário da morte deste prestante cidadão, um dos fundadores do *Centro Escolar Republicano de Aveiro* e companheiro na vida, como na morte, de Francisco Antonio de Moura, de quem era amigo dedicado.

Em homenagem á sua memoria distribuimos pelos pobres do *Democrata* a quantia de 2$50 que nos foi enviada pelo sr. José Ferreira Pinto Junior, conceituado droguista do Porto, reservando para o proximo numero a lista dos contemplados, em nome dos quaes, desde já, agradecemos.

"TOADAS"

Mimoseou-nos com o seu novo livro de versos que acaba de saír dos prélos da conceituada casa editora França & Armenio, de Coimbra, e a que pôz o titulo da epigrafe, o nosso colega do *Jornal de Albergaria*, snr. Eugenio Ribeiro.

Autor dum outro volume que a critica consagrou com justas e elogiosas referencias—*Clarões da Serra*—a moderna produção literaria é de molde a alcançar exito igual, senão superior, ao que obteve o primeiro livro do inspirado poeta, a quem felicitâmos, agradecendo-lhe intimamente reconhecidos a gentilêsa da oferta.

Nebuloses

Os discursos, envolvendo claras e terminantes afirmações que o sr. dr. Sidonio Paes, como presidente da Republica e chefe do govêrno, proferiu em diversos pontos que visitou no seu passeio ao sul do país, vieram profundamente baralhar, em parte, a situação politica geral, enquanto em determinados pontos a esclareceu, estremando campos e marcando logares.

Não resta duvida que o chefe do govêrno tem o seu caminho traçado, procurando o apoio de *todos*, gregos e troianos, que o queriam auxiliar na implantação e marcha do que ele chama Republica Nova, costumes novos, chegando a afirmar relativamente á adesão dum valioso elemento unionista que, representando, é certo, um acto de indisciplina partidaria, não seria contudo o unico visto que muitos outros se darão *porque é necessario passar por cima dos chefes politicos e da politica velha!*

Mas não ficou por aqui a atitude do sr. Sidonio Paes. Afirmou ainda que *assegurava o seu proposito de repelir e dominar possiveis tentativas contra a atual ordem de cousas, declarando que a Republica pre a de se defender, tanto das extremas esquerdas como das extremas direitas.*

Todavia, embora a todos parecesse que seria completo o entendimento entre a pessoa do sr. dr. Sidonio Paes e o partido unionista, eis que irrompe uma declaração de guerra formal e completa, entre este partido, que tem representação avultada no ministerio, mas que pela penna do seu chefe, Brito Camacho, afirma que o unionismo é a maior força organisada da Republica e que é o unico partido que tem auxiliado a situação!

De tudo isto resulta uma baralha de tal ordem que não é facil atinar, com precisão, o que sairá no fim de tudo.

Póde-se afoitamente dizer que todos os elementos monarquicos apoiarão, sem quebra dos seus principios, a politica do chefe do govêrno; mas temos tambem que notar que não será exclusivamente com taes elementos que o sr. dr. Sidonio Paes poderá politicamente viver. Seria um caso novo e... unico.

Um govêrno republicano sustentado... por monarquicos!

Não resta duvida que o sr. Sidonio Paes, que está, em bôa verdade, fazendo uma nova politica, espera e conta com o apoio de independentes, de patriotas, de unionistas, evolucionistas e até de democraticos, dos que ha muito condenavam a orientação politica do gabinete deposto.

E enquanto um grupo de unionistas vem do Alemtejo reiterar ao sr. Brito Camacho a sua manifesta a esão, como protesto á dureza das palavras do snr. Sidonio Paes, um outro numeroso grupo evolucionista manifesta-se da fórma mais violenta contra o seu chefe, o sr. Antonio José de Almeida, fulminando-o pela sua adesão ao democratismo, causa unica da atitude dos revoltados!

Na reunião efectuada aparecem unionistas que por sua vez excomungam a politica do chefe desse partido, a quem chegam a ameaçar de morte no caso duma possivel e futura aproximação com os democraticos!

Como nota curiosa e nova que mais encadeia e embrulha este momento historico, vê-se tambem na informação oficiosa publicada á hora que escrevemos que: no conselho de ministros foram tratados e resolvidos assuntos de caracter politico e constitucional que tinham ficado pendentes quando da saída do Presidente na sua viagem ao sul, havendo acôrdo entre os membros do govêrno, pelo que se devo por de parte quaesquer receios de crise ministerial.

Incontestavelmente, conforme a nota a que aludimos, resolveu-se um dos pontos principaes, senão o unico, que originou a causa do rompimento entre os srs. Sidonio Paes e Brito Camacho: a eleição, por sufragio directo, do chefe do Estado, estando por tanto sob esse ponto em oposição ao seu chefe os ministros daquela facção.

Mas essa transigencia será um resultado da decisão presidencial, respeitante á formação de um ministerio militar, no caso da abertura duma crise?

Esperemos, que ha muito que vêr e... admirar!

NECROLOGIA

JULIO FREIRE

Pelas 3 horas da madrugada de ante-ontem, quarta-feira, sucumbiu aos estragos duma doença pertinaz e implacavel, que ha oito mezes o prostrára no leito, o nosso bom e malogrado amigo, Julio Maria dos Santos Freire, escrivão da Capitania do porto desta cidade.

As suas notas biograficas em pouco se resumem, mas nelas transparecem com intensidade o nitido reflexo do muito que, elevado e nobre, póde albergar o coração de um homem.

Trabalhador incançavel, honrado, modesto, acorrentou-se toda a vida ao cumprimento dos seus deveres de funcionario e de cidadão, deixando a existencia sem o remorso de um acto incorreto ou indigno, antes tendo sido sempre querido pelos seus chefes, subordinados e amigos, que nesta hora lamentam o prematuro desaparecimento daquele que tantas provas sempre deu da sua leal amizade e céga dedicação.

Serviu o seu cargo 28 anos com a maior honradez e pontualidade e até que a morte lhe não roubou, por completo, a luz do espirito, foi sempre a sua preocupação, o seu desejo ardente o regresso ao trabalho, ao exercicio das suas funções.

Morre relativamente novo, 57 anos apenas; experimentando durante a vida rudes e profundos golpes dos que não se apagam mais no coração do homem.

A sua morte fere-nos profundamente, porque perdemos um amigo querido como tantas e tantas vezes o evidenciou com firmêsa e galhardia.

A todos os seus enderegâmos a viva expressão do nosso sentimento muito intimo e não menos sincéro.

* * *

Recentes noticias de Macau dizem ter ali falecido, na idade de 66 anos, o bispo da diocese sr. D. João Paulino de Azevedo e Castro, natural da vila das Lages, ilha do Pico, Açores.

Era tio do nosso querido amigo dr. Joaquim Antonio de Azevedo e Castro, atual delegado do Procurador da Republica na comarca do Cartaxo, a quem enviâmos [illegible] sentidos pêsames, assim como a seu irmão, Egas Castro, professor do liceu de Ponta Delgada e chefe do observatorio astronomico da [illegible] mesma cidade.

TEATRO AVEIRENSE

Duas novas peças de sensação vão ser representadas no nosso teatro por iniciativa da empresa Souto, Ld.ª a quem se deve já, no curto espaço de seis mezes, a passagem, pelo palco de Aveiro, dumas poucas de celebridades artisticas que na scêna portuguêsa ocupam logar de destaque.

As récitas anunciadas compôr-se-ão do drama—*O Martir do Calvario* e *Mãe*, em que Adelina Abran[illegible]

ches desempenha o papel principal, revelador do seu grande talento.

Quanto a *O Martir do Calvario*, a *Lucta* dedicou-lhe as seguintes linhas após a sua aparição por onde os leitores pódem avaliar do entrecho da peça:

«O teatro Apolo inaugurou ontem a sua época de inverno com a peça famosa *O Martir do Calvario*. Já conhecida dos palcos brazileiros, esta peça é o que se póde chamar uma peça scenografica, de grande espectaculo, que impressiona as multidões, mas que requer um excelente desempenho para não cair nos dominios da *pochade*. Ora imagine o leitor, Cristo e o seu drama transportados para a scena com a crucificação, a ressurreição e a ascenção, o caminho do Calvario, a ceia, tudo enfim que constitue os quadros célebres da vida do Nazareno, milhares de vezes interpretados por pintores famosos. Agora imagine que o Cristo tinha o ar farçola de um cavalheiro despreocupado, e aí teriamos motivo para a representação dramatica acabar entre pinchos de gargalhada hilare.

Nada disto sucedeu, porém, falhando á espectativa de muito espectador, que queria tourada em logar de drama. Os versos de Garrido são excelentes.

E como a peça foi posta em scena com explendor, riqueza no scenario, que é de Mergulhão, riqueza nos trages, que são de C. Branco, primorosamente encenada; e como o desempenho foi magnifico, aí temos que o drama foi ouvido com unção e que mais uma vez o drama do Nazareno fez marejar de lagrimas os olhos de muito espectador. *O Martir do Calvario* é, pois, peça para largamente se conservar no cartaz com agrado certo e universal.

No desempenho, Rafael Marques, no papel de Cristo, tem um trabalho exaustivo e cheio de brilho. Irene Gomes, que faz a Madalena, fê-lo com talento. De Adelina Abranches inutil será dizer, sabido como é ser tudo quanto faz do mais acabado quilate. Sacramento fez um sobrio, correcto e perfeitissimo Poncio Pilatos. Alvaro Cabral um Judas notavel, Eduardo Raposo e Augusto Machado dois sacerdotes odiosos que encarnaram magnificamente.

Resumindo: Da peça, desempenho e modo por que a empreza a pôz em scena, diremos bem. E Lisboa tem motivo para assistir a uma verdadeira obra de arte.»

Leilão

Previnem-se os senhores mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores de João Mendes da Costa, desta cidade, de que devem reformar os seus contratos com mais de três mêses de atrazo, afim de evitar a venda dos mesmos no leilão que se efectuará no deposito da mesma casa, Rua Eça de Queiroz, n.º 36-A, nos dias 24 e 25 do proximo mês de Março, pelas 8 horas da manhã (salvo caso de força maior).

Aveiro, 19 de Fevereiro de 1918.

O mutuante,

João Mendes da Costa